

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
Comissão Executiva do Vestibular

VESTIBULAR 2012.2

REDAÇÃO/LÍNGUA PORTUGUESA

2ª FASE-1º DIA: 24 DE JUNHO DE 2012

DURAÇÃO: 04 HORAS

INÍCIO: 09h00min

TÉRMINO: 13h00min



Após receber o seu **cartão-resposta**, copie nos locais apropriados, uma vez com **letra cursiva** e outra com **letra de forma**, a seguinte frase:

Amar é compartilhar a essência da vida.

ATENÇÃO!

Este caderno de provas contém:

- Prova I – Redação;
- Prova II – Língua Portuguesa, com 20 questões;
- Folha Definitiva de Redação (encartada).

Ao sair definitivamente da sala, o candidato deverá assinar a folha de presença e entregar ao fiscal de mesa:

- o CARTÃO-RESPOSTA preenchido e assinado;
- a FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO;
- o CADERNO DE PROVAS.

Será atribuída nota zero, na prova correspondente, ao candidato que não entregar seu cartão-resposta ou sua folha definitiva de redação.

NÚMERO DO GABARITO

Marque no local apropriado do seu cartão-resposta o número 2 que é o número do gabarito deste caderno de provas e que também se encontra indicado no rodapé de cada página.

OUTRAS INFORMAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS PROVAS ENCONTRAM-SE NA FOLHA DE INSTRUÇÕES QUE VOCÊ RECEBEU AO INGRESSAR NA SALA DE PROVA.

RASCUNHO DA REDAÇÃO

Se desejar, utilize esta página para o rascunho de sua redação. Não se esqueça de transcrever o seu trabalho para a folha específica da Prova de Redação.

Esta página não será objeto de correção.

GABARITO
2

NÃO ESCREVA
NAS COLUNAS
T e F

		T	F
	01		
	02		
	03		
	04		
	05		
	06		
	07		
	08		
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		
	20		
	21		
	22		
	23		
	24		
	25		
TOTAL			

PROVA I: REDAÇÃO

Caro Vestibulando,

Nos dias atuais, fala-se muito sobre LEITURA, sobre programas de incentivo à leitura, sobre os benefícios que a proficiência em leitura traz para as pessoas. Considerando essa preocupação com a formação do bom leitor, a redação que você deverá escrever para garantir seu ingresso na UECE versará sobre leitura. Para subsidiar sua tarefa, são apresentados a seguir textos que tratam desse assunto.

Texto 1

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai ser lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

In: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa, p. 69.
/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

Texto 2

População do Nordeste lê mais que a média nacional

Na região, as pessoas leem, em média, 4,3 livros por ano. Em todo o país, são quatro, segundo pesquisa do Instituto Pró-Livro. Com o aumento da renda no Nordeste e o incremento de um milhão de leitores nos últimos quatro anos, a região tem atraído as grandes redes de livrarias do país.

No Nordeste, a população está lendo mais que a média nacional. É o que diz a 3ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro. Realizada em 2011, com cinco mil entrevistados, em 315 municípios, o estudo diz que, enquanto o brasileiro lê quatro (livros) por ano, no Nordeste, a população lê 4,3. É como se fossem quatro livros e o pedaço de outro a mais. O mercado de leitores também cresceu. Passou de 25% da população do Nordeste, em 2007, para 29%, em 2011. Incremento de um milhão de leitores. No total, eles são 25,4 milhões.

Texto 3

Como ensinar literatura na escola

Uraniano Mota

Recife (PE) - Em minhas – na falta de melhor nome – aulas, a primeira coisa que aprendi foi não falar de literatura como um produto que sai dos livros. Não se deve jamais falar de literatura com esse nome cheio de pompa e reverência, A Literatura. Fale-se da vida, dos problemas vividos por todos nós, velhos, jovens, crianças, homens, mulheres, animais e gente.

Só se deve falar sobre aquilo que apaixona a gente. Se o professor não descobriu a lírica de Camões, se não maturou no peito Manuel Bandeira, se não é capaz de curtir Machado de Assis, se não se emociona até as lágrimas com Lima Barreto, mantenha distância desses criadores. O silêncio sobre eles fará um dano menor que a citação burocrática.

Um autor deve ser apresentado a partir de um problema. Nada como o conto Missa do Galo, de Machado, para todos os adolescentes. Eles entenderão até a última linha, vírgula e pontinho das reticências. Eles vão respirar todos os movimentos implícitos e insinuados da conversa da mulher solitária com um jovem. Eles são esse jovem. Eles sonham com essa noite ideal em que os espere uma senhora sozinha. Eles compreendem esse jovem e essa mulher.

Apesar de até aqui ter falado de minha própria experiência, devo terminar com uma coisa ainda mais pessoal. Certa vez, li para alunos com idades em torno de 11 anos o meu conto Daniel. Claro, expurguei os termos mais chulos, grosseiros. Quando eu li “Da turma, Daniel era o mais gordo. Ainda que sob protestos, ele crescera pelos lados, elastecendo um círculo de carnes. Em seu rosto largo destacavam-se sobrelhas peludas, que se uniam simetricamente num ponto de inflexão, ficando a sobrelha esquerda e a sobrelha direita ligadas como asas dum pássaro, movendo-se no espaço da frente”, na sala não se ouvia um só riso, apenas respirações ofegantes. Então eu ia para o quadro e desenhava as sobrelhas, à Monteiro Lobato, para eles verem. Depois, já ao fim, quando acrescentava que Daniel raspava aqui e ali o seu estigma, e que “a cirurgia dera nascimento a dois pontos de interrogação deitados, quase dois acentos circunflexos incompletos, sem acomodação”, voltava ao quadro para desenhar os dois pequenos ganchos que ficaram no lugar das sobrelhas do personagem.

O melhor digo agora no fim. Vocês não vão acreditar no lirismo de que é capaz a infância. Os meninos rebatizaram o conto. Em lugar de Daniel, eles me pediam sempre para ouvir, de novo, O menino-passarinho.

(Texto adaptado)

<http://www.diretodaredacao.com/noticia/como-ensinar-literatura-na-escola>

A partir dos subsídios oferecidos pelos textos 1, 2 e 3, que tratam, respectivamente, do conceito de leitura, do aumento do número de leitores (inclusive no Nordeste) e da abordagem da literatura na escola, escolha uma das duas instruções a seguir para elaborar sua redação.

1. Discuta, por meio de um artigo de opinião, a contribuição da família, da escola, do governo e de instituições não governamentais para o desenvolvimento de leitores proficientes que encontrem na leitura uma fonte de prazer. Apresente fatos e argumentos que possam sustentar seu ponto de vista.
2. Narre um fato ocorrido com alguém que desde tenra idade tenha desenvolvido o hábito de ler, tornando-se um leitor assíduo.

PROVA II - LÍNGUA PORTUGUESA

Texto 1

Cem anos de Jorge Amado, o contador de histórias

Por **Rachel Bertol**, no *Valor Econômico*

1 Houve um tempo em que os escritores
2 brasileiros de ficção costumavam despertar
3 paixão entre os leitores. Jorge Amado era
4 um deles, possivelmente o que mais paixão
5 provocava no grande público. Esse tempo
6 acabou. Hoje, a relação dos brasileiros com
7 seus autores contemporâneos é de outra
8 ordem. "Assistimos a um momento em que
9 não há mais a mesma paixão".
10 Um escritor de ficção só atinge seu
11 grande momento junto ao público quando
12 cria grandes personagens, observa Costa e
13 Silva (ABL): "Jorge Amado foi mestre nisso,
14 com personagens inesquecíveis".
15 "É um autor extraordinariamente
16 importante para nossa história. Iniciou muita
17 gente na leitura e ajudou um país inteiro a
18 aprender a ler. Foi o escritor brasileiro mais
19 popular do século XX, e com qualidade
20 literária", destaca João Ubaldo Ribeiro.
21 Mesmo com a popularidade e elogios
22 como esses, não se deve esperar
23 unanimidade nas discussões em torno de seu
24 legado. Os livros de Amado sempre foram
25 alvo de fortes ressalvas. A severidade no
26 julgamento – seus personagens seriam
27 rasos, estereotipados, o português
28 descuidado, etc. – fez com que fosse
29 menosprezado nas análises universitárias de
30 letras, apesar de sempre apreciado por
31 antropólogos e sociólogos.
32 A escritora Myriam Fraga, diretora-
33 executiva da Fundação Casa de Jorge
34 Amado, no cargo desde quando a Fundação
35 foi criada, há 25 anos, diz que a máquina do
36 Partido Comunista do Brasil, do qual o
37 escritor foi dirigente, ajudava na sua
38 projeção, mas não explicava o
39 arrebatamento. "Muitos autores comunistas
40 não chegaram a lugar nenhum", constata
41 Myriam. O mesmo tipo de fenômeno ocorria
42 no exterior.
43 Na opinião de Thyago Nogueira, editor da
44 Companhia das Letras, o escritor combinava
45 boa literatura com apelo popular.
46 "Atualmente, existe um certo pudor em
47 relação a isso, como se tudo que fosse
48 popular fosse menor. Mas, para Jorge
49 Amado, o povo era a matéria-prima. Ele
50 tinha ouvido grande para o que acontecia
51 nas ruas e fazia uma transposição
52 interessante do ponto de vista literário. Sua
53 escrita é oral, engraçada, irônica e incorpora
54 uma série de registros.
55 O mergulho no universo popular, como o

56 do candomblé, foi motivo de crítica e
57 preconceito, lembra Myriam.
58 Os escritores, hoje, não dão prioridade à
59 opção de contar histórias, analisa Musa. "É
60 como se fosse algo inferior, que relacionam
61 talvez ao modelo narrativo do cinema. A
62 literatura verdadeira estaria, então, em outro
63 lugar."
64 Sem histórias interessantes, corre-se o
65 risco de tornar os leitores arredios, comenta
66 Costa e Silva. "Jorge Amado se propôs ser
67 um contador de histórias, e logrou sua
68 proposta. Ele escolheu por assunto a vida
69 cotidiana, com seus dramas e alegrias, e não
70 lida com grandes angústias."
71 "Sua obra encerra uma utopia. E ele
72 sentia muito orgulho em ser reconhecido
73 como contador de histórias. Jorge queria
74 fazer uma obra acessível, acreditava que a
75 literatura poderia ser um meio de
76 libertação", diz Myriam.
77 Costa e Silva destaca outro aspecto
78 positivo: "É algo curioso, uma de suas
79 grandes qualidades, apreciada pelo leitor.
80 Todo livro de Jorge Amado que se leia, seja
81 'Capitães da 'Areia' [1937] ou 'Tocaia
82 Grande' [1984], apesar da violência e das
83 indignidades que apresentam, sempre nos
84 deixa de cabeça alta. Ninguém sai
85 acabrunhado de um livro de Jorge. É um
86 autor que destila esperança".

<http://ponto.outraspalavras.net/2012/01/10/centenario-de-jorge-amado-contador-de-historias/>

01. O texto trabalha com algumas bipolaridades. Escreva **V** ou **F** conforme a polaridade esteja ou não no texto.

- () literatura realista vs. literatura não realista
() paixão vs. frieza dos leitores
() criação de personagens marcantes vs. não criação de personagens marcantes
() literatura popular vs. literatura não popular
() gosto popular vs. opinião da crítica

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) F, F, V, F, F.
B) V, V, F, F, V.
C) V, F, F, V, F.
D) F, V, V, V, V.

02. Considerando-se a abordagem do texto sobre os problemas enfrentados pela crítica literária, estabelecem-se as seguintes conclusões:

- I. Determinar as consequências da centralização da literatura na história.
- II. Mensurar a influência do partido comunista sobre o sucesso dos escritores a ele filiados.
- III. Demarcar os limites entre a boa literatura que traz ingredientes populares e a literatura que peca pelo apelo ao popular.

Está correto o que se diz apenas em

- A) I.
- B) II e III.
- C) I e III.
- D) II.

03. Atente aos comentários feitos entre as linhas 58 e 63, e ao que se pode concluir deles.

- I. O cinema é uma arte menor.
- II. Foi pernicioso a influência do cinema sobre a literatura.
- III. O cinema enfatiza a história.

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) I e III apenas.
- C) I e II apenas.
- D) II e III apenas.

04. Atente para o excerto – “Ele tinha ouvido grande para o que acontecia nas ruas e fazia uma transposição interessante do ponto de vista literário. Sua escrita é oral, engraçada, irônica e incorpora uma série de registros” (linhas 49-54) – e considere, em seguida, os comentários interpretativos de expressões retiradas deste fragmento textual, assim como de algumas ideias nele contidas. Assinale a única opção que apresenta interpretação

INCORRETA.

- A) Por “ouvido grande” deve-se entender sensibilidade para captar o que acontecia nas ruas.
- B) Jorge Amado observava o cotidiano do povo e representava-o na literatura.
- C) “Registros” são as várias formas de falar, condicionadas pela situação do ato de fala (ambiente, interlocutor, propósito, etc.).
- D) A transposição do cotidiano para o literário pressupõe que Jorge Amado fazia a cópia fiel da realidade.

Texto 2

(O texto 2 foi extraído da obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado, que conta a triste história de um grupo de crianças e adolescentes que vivem na rua, conhecidos como “capitães da areia”. À noite, recolhem-se para dormir *num velho trapiche abandonado*. O grupo pratica pequenos furtos para sobreviver, e seus membros se unem para defender-se da perseguição da polícia. Quando presos, são encaminhados para reformatórios, onde sofrem toda sorte de abusos.

O grupo, formado somente de meninos, recebeu, um dia, uma menina chamada Dora, de treze para catorze anos, cuja mãe morrera. Com o irmão, Zé Fuinha, ela foi para a rua, onde conheceu a turma dos Capitães da Areia e nela se integrou. Dora, uma menina loura e bonita, disposta para o trabalho, acabou conquistando todos: era mãe para os pequenos, e amiga e irmã para os mais velhos, alguns dos quais se apaixonaram por ela. Mas ela amava mesmo era o chefe dos Capitães, o valente Pedro Bala. Presa e recolhida a um orfanato, até que o namorado a resgatasse e a levasse para o velho trapiche, adoeceu e morreu. Horas antes de morrer, pediu a Pedro Bala que a fizesse mulher. Ele hesitou porque a via muito doente, mas, por fim, atendeu ao seu pedido. Na manhã seguinte, ela estava morta.

O capítulo que você vai ler narra a reação desesperada de Pedro Bala logo depois que levam o corpo de sua amada para alto mar, onde finalmente repousará.)

87 Contam no cais da Bahia que quando
88 morre um homem valente vira estrela no céu.
89 Assim foi com Zumbi, com Lucas da Feira,
90 com Besouro, todos os negros valentes. Mas
91 nunca se viu o caso de uma mulher, por mais
92 valente que fosse, virar estrela depois de
93 morta. Algumas, como Rosa Palmeirão, como
94 Maria Cabaçu, viraram santas nos candomblés
95 de caboclo. Nunca nenhuma virou estrela.
96 Pedro Bala se joga na água. Não pode ficar
97 no trapiche, entre os soluços e as
98 lamentações. Quer acompanhar Dora, quer ir
99 com ela, se reunir a ela nas Terras do Sem
100 Fim de Yemanjá. Nada para diante sempre.
101 Segue a rota do saveiro do Querido-de-Deus.
102 Nada, nada sempre. Vê Dora em sua frente,
103 Dora, sua esposa, os braços estendidos para
104 ele. Nada até já não ter forças. Boia, então, os
105 olhos voltados para as estrelas e a grande lua
106 amarela, do céu. Que importa morrer quando
107 se vai em busca da amada, quando o amor
108 nos espera?
109 Que importa tampouco que os astrônomos
110 afirmem que foi um cometa que passou sobre
111 a Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu
112 foi Dora feita estrela, indo para o céu. Fora
113 mais valente que todas as mulheres, mais
114 valente que Rosa Palmeirão, que Maria
115 Cabaçu. Tão valente que antes de morrer,

116 mesmo sendo uma menina, se dera ao seu
117 amor. Por isso virou uma estrela no céu. Uma
118 estrela de longa cabeleira loira, uma estrela
119 como nunca tivera nenhuma na noite de paz
120 da Bahia.
121 A felicidade ilumina o rosto de Pedro Bala.
122 Para ele veio também a paz da noite. Porque
123 agora sabe que ela brilhará para ele entre mil
124 estrelas no céu sem igual da cidade negra.
125 O saveiro do Querido-de-Deus o recolhe.

(AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 15 ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967. p. 250-251.)

05. Marque **V** ou **F** conforme seja verdadeiro ou falso o que se diz sobre o texto.

- () O primeiro parágrafo (linhas 87-95) é independente em relação ao restante do texto, no entanto os outros parágrafos retomam direta ou indiretamente as informações por ele passadas.
- () O primeiro parágrafo é importante na medida em que oferece elementos que indiretamente irão valorizar Dora.
- () A narrativa é feita em terceira pessoa, mas, entre as linhas 106 e 120, encontra-se o discurso indireto livre — uma forma de valorizar a posição da personagem e dar mais credibilidade à palavra que revela o interior dela.
- () Dora teve o direito de virar estrela apenas porque muito amou Pedro Bala, que era para ela um herói. Era como se ela ocupasse o lugar dele.
- () Pedro Bala estava determinado a buscar a morte, mas não teve coragem de ir até o fim.

Está correta, de cima para baixo, a sequência seguinte:

- A) F, F, F, F, V.
B) V, V, V, F, V.
C) V, V, F, V, F.
D) F, F, V, V, F.

06. No trecho que vai da linha 96 à linha 100, pode-se detectar, entre os três períodos, relações de

- A) simultaneidade.
B) oposição.
C) causa.
D) consequência.

07. Atente para o que se diz sobre o seguinte excerto e alguns de seus elementos: "A felicidade ilumina o rosto de Pedro Bala. Para ele veio também a paz da noite" (linhas 121-122).

- I. A partícula "também", no trecho transcrito, indica que alguém sentira aquela paz antes dele, sugere, portanto, inclusão.
- II. O pronome "ele" refere-se a "o rosto de Pedro Bala".
- III. O verbo "iluminar" foi empregado no sentido de tornar claro.

Está correto o que se diz apenas em

- A) I.
B) II.
C) I e III.
D) II e III.

08. A locução "por isso" (linha 117) relaciona-se sintática e semanticamente

- A) apenas a "Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçu".
- B) com "Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabaçu. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor."
- C) apenas com "O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o céu."
- D) apenas a "Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor."

Texto 3

O meu guri

126 Quando, seu moço
127 Nasceu meu rebento
128 Não era o momento
129 Dele rebentar
130 Já foi nascendo
131 Com cara de fome
132 E eu não tinha nem nome
133 Pra lhe dar
134 Como fui levando
135 Não sei lhe explicar
136 Fui assim levando
137 Ele a me levar
138 E na sua meninice
139 Ele um dia me disse
140 Que chegava lá
141 Olha aí! Olha aí!

142 Olha aí!
143 Ai o meu guri, olha aí!
144 Olha aí!
145 É o meu guri e ele chega!

146 Chega suado
147 E veloz do batente
148 Traz sempre um presente
149 Pra me encabular
150 Tanta corrente de ouro
151 Seu moço!
152 Que haja pescoço
153 Pra enfiar
154 Me trouxe uma bolsa
155 Já com tudo dentro
156 Chave, caderneta
157 Terço e patuá
158 Um lenço e uma penca
159 De documentos
160 Pra finalmente
161 Eu me identificar
162 Olha aí!

163 Olha aí!
164 Ai o meu guri, olha aí!
165 Olha aí!
166 É o meu guri e ele chega!

167 Chega no morro
168 Com carregamento
169 Pulseira, cimento
170 Relógio, pneu, gravador
171 Rezo até ele chegar
172 Cá no alto
173 Essa onda de assaltos
174 Tá um horror
175 Eu consolo ele
176 Ele me consola
177 Boto ele no colo
178 Pra ele me ninar
179 De repente acordo
180 Olho pro lado
181 E o danado já foi trabalhar
182 Olha aí!

183 Olha aí!
184 Ai o meu guri, olha aí!
185 Olha aí!
186 É o meu guri e ele chega!

187 Chega estampado
188 Manchete, retrato
189 Com venda nos olhos
190 Legenda e as iniciais
191 Eu não entendo essa gente
192 Seu moço!
193 Fazendo alvoroço demais
194 O guri no mato
195 Acho que tá rindo
196 Acho que tá lindo
197 De papo pro ar
198 Desde o começo eu não disse
199 Seu moço!
200 Ele disse que chegava lá
201 Olha aí! Olha aí!

202 Olha aí!
203 Ai o meu guri, olha aí
204 Olha aí!
205 É o meu guri!...(3x)
(Chico Buarque)

09. Todo texto constrói uma cena enunciativa, que envolve tempo, lugar e sujeitos da enunciação. No texto artístico-ficcional, essa cena, embora pareça, não é a cópia, mas a reinvenção de uma realidade que é a soma do que está dentro do artista e do que o rodeia. Alguns elementos dessa cena podem vir implícitos, nesse caso, o texto apresenta, quase sempre, indícios para que o leitor os determine. Assinale a opção correta sobre o que se diz da provável cena enunciativa do texto "O meu guri".

- A) Tempo provável: uma tarde; lugar provável: uma banca de jornais; sujeitos da enunciação: uma mãe, seu filho e o vendedor de jornais.
- B) Tempo: indefinido; lugar provável: uma delegacia de polícia; sujeitos da enunciação: um menino, sua mãe e o delegado.
- C) Tempo provável: uma manhã; lugar: indefinido; sujeitos da enunciação: uma mãe e provavelmente um delegado.
- D) Tempo: indefinido; lugar provável: uma banca de jornal; sujeitos da enunciação: uma mãe e um interlocutor indefinido.

10. Considere o que se diz abaixo:

- I. O sujeito que fala o faz tendo em vista a existência de um interlocutor, embora este não se manifeste linguisticamente.
- II. Não se poderia chamar de sujeito da enunciação à personagem que não fala.
- III. A narrativa que o sujeito da enunciação faz desenvolve-se em uma sequência temporal.

Está correto o que se diz em

- A) I e III apenas.
- B) I e II apenas.
- C) II e III apenas.
- D) III apenas.

11. No discurso da mãe, percebe-se

- A) sagacidade e ironia.
- B) boa fé e ingenuidade.
- C) honestidade e tristeza.
- D) malícia e perspicácia.

- 12.** Havia, entre a mãe e o filho,
- A) unilateralidade de confiança.
 - B) reciprocidade de paciência.
 - C) respectivamente, cuidado e obediência.
 - D) reciprocidade de cuidado.
- 13.** Atente para o uso do verbo **levar** e suas acepções nos versos 9-12 (linhas 134-141) e assinale **V** ou **F**, conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma:

- () O complemento (objeto direto) está implícito nos três casos.
- () Pode-se inferir, como objeto direto de "fui levando", o termo "a vida".
- () Em "fui assim levando", há ambiguidade sintática que se reflete na semântica.
- () Em "fui assim levando", um dos sentidos possíveis para o verbo **levar** é **induzir**.
- () Em "fui assim levando", dependendo da interpretação, o complemento (objeto direto) pode ser "ele".
- () Em "ele a me levar", o verbo pode ser interpretado como **enganar**.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) F, F, V, F, F, F.
- B) F, V, V, V, V, V.
- C) V, F, F, V, V, F.
- D) V, V, F, F, F, V.

- 14.** Considere as seguintes passagens do poema, tendo em vista o contexto: "E eu não tinha nem nome / Pra lhe dar / Como fui levando / Não sei lhe explicar" (linhas 132-135); "uma penca / de documentos / Pra finalmente / Eu me identificar" (linhas 158-161).

- I. Os versos mostram o desleixo dos pobres no que diz respeito à vida em sociedade.
- II. Os excertos são uma mostra da exclusão social daquela mulher.
- III. Os trechos transcritos são uma prova da situação a que pode chegar uma população desassistida.

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) I e II apenas.
- C) II e III apenas.
- D) I e III apenas.

- 15.** O poeta faz um trocadilho, nos quatro primeiros versos, entre "rebento" e "rebentar". Sobre esse trocadilho, marque com **V** o que for verdadeiro e com **F** o que for falso.
- () Entre o substantivo "rebento" e o verbo "rebentar", há um parentesco etimológico, ou seja, eles pertencem a uma mesma família de palavras, são cognatos. Foi esse parentesco que ensejou o trocadilho.
 - () O verbo "rebentar" tem muitas acepções, que variam de acordo com o contexto linguístico em que é inserido. Pode significar estourar, explodir; arruinar, destruir; levar à exaustão; brotar, jorrar (uma nascente). O substantivo "rebento", que tem a mesma forma de uma das flexões do verbo "rebentar" (eu rebento), pode significar fruto, produto; filho, descendente. O poeta, aproveitando-se da aproximação formal e semântica das duas palavras, dá ao nascimento do "meu guri" sentido mais negativo do que positivo.
 - () "Rebentar" e "arrebentar" são formas variantes, isto é, têm o mesmo significado. Assim sendo, o prefixo **a(r)**, empregado na construção de "arrebentar", tem o sentido de negação.
 - () Quando o filho nasceu, a mãe achou que aquele acontecimento era uma bênção.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) V, V, F, F.
- B) F, F, V, V.
- C) V, F, V, F.
- D) F, V, F, V.

- 16.** Assinale a assertiva correta sobre a última estrofe (linhas 187-201). Essa estrofe demonstra que a mulher

- A) acaba culpando-se de ter sido omissa na educação do filho.
- B) mostrou-se constrangida com a foto do filho no jornal.
- C) revoltou-se com o destino do filho.
- D) tenta confirmar que o filho "chegara lá" como prometera.

- 17.** Nos versos "Desde o começo eu não disse / Seu moço!" (linhas 198 e 199), o "não" equivale a uma

- A) negação.
- B) contestação.
- C) afirmação.
- D) dúvida.

18. A “venda nos olhos” (linha 189) “e as iniciais” (linha 190), em vez do nome completo, são um indício

- A) do cuidado da polícia com o aspecto do morto.
- B) da tentativa de minimizar os crimes do bandido.
- C) da provável menoridade do guri que era manchete do jornal.
- D) do desejo da polícia de não identificar o morto para evitar revolta.

19. Atente aos vários usos do verbo **chegar** no texto e marque com **V** ou **F** conforme o que se diz seja verdadeiro ou falso.

- () chegava lá (linha 140) — alcançar um objetivo em mira.
- () chega (linha 146) — alcançar um determinado ponto no espaço.
- () chega (linha 186) — alcançar um determinado ponto no tempo.
- () e ele chega (linhas 145; 166; 186) — o poeta joga com a possibilidade de duplo sentido do verbo chegar; esse duplo sentido, no entanto, é desfeito no verso seguinte.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) V, F, V, F.
- B) V, V, F, V.
- C) F, V, F, F.
- D) F, F, V, V.

20. Em “Rezo até ele chegar / Cá no alto / Essa onda de assaltos / tá um horror” (linhas 171-174), há uma ambiguidade sintática que gera uma ambiguidade semântica. Marque a única opção **NÃO CORRETA** a respeito dessa ambiguidade.

- A) a ambiguidade sintática decorre da posição do adjunto adverbial “Cá no alto”.
- B) a desambiguação poderia ser conseguida com um sinal de pontuação.
- C) a ambiguidade apontada pode gerar uma ironia.
- D) ambiguidades como essa são mais frequentes na prosa do que na poesia.